

A noite começou com Prêmio Jornal de Brasília

A festa de encerramento da 23ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro não foi tumultuada como a maioria das anteriores, mas não teve brilho especial. Os apresentadores Eduardo Conde e Nina de Pádua, assessorados por Elaine Ruas, se atrapalharam nos envelopes e na entrega dos troféus. Houve cineasta que, não recebendo a estatueta da mão de ninguém, pegou a sua, por conta própria.

Os aplausos foram generosos em dois momentos: quando Vladimir Carvalho recebeu o primeiro troféu da noite — Prêmio Jornal de Brasília — das mãos da empresária Célia Câmara, vice-presidente das organizações Jaime Câmara, e do editor do *Caderno 2*, Geraldo Vieira, e quando se anunciou o Troféu Gaudango de melhor ator para Chiquinho Brandão. O filme premiado, *Conterrâneos Velhos de Guerra*, causou comoção nos que o assistiram. Por isto quando subiu ao palco, Vladimir foi aplaudido de pé.

O jornalista Geraldo Vieira lamentou que pouca gente tivesse tido a oportunidade de ver *Conterrâneos*, “um filme de vigoroso documento histórico e estética dinamitadora”, pois fora exibido na pequena Sala Alberto Nepomuceno do Teatro Nacional (95 lugares).

Vladimir agradeceu o prêmio, lembrando que ele, três anos antes, havia premiado “o melhor filme

brasiliense do Festival” com uma terça parte de seu décimo-terceiro salário. Daí que sentia-se especialmente motivado em receber prêmio não-oficial e vindo da iniciativa privada. Por fim, destacou que “o Jornal de Brasília vem realizando cobertura excepcional da atividade cinematográfica e cultural, no mesmo nível dos maiores jornais do País”.

A atriz Yara Jamra transformou-se na segunda musa do Prêmio Panda (a primeira é Imara Reis). Subiu ao palco para entregar um Urso (em pelúcia) a Adilson Ruiz, depois de destacar “belos fragmentos filmicos” em *Memória, O Combustível do Futuro, Quase Tudo, Suspens, Barrella e Conterrâneos Velhos de Guerra*.

Não houve vaias expressivas, nem aplausos calorosos (a não ser para Vladimir Carvalho e Chiquinho Brandão).

Joel Barcelos, quando subiu ao palco para receber o Troféu Gaudango de “melhor coadjuvante” até que encontrou uma boa saída para justificar a inusitada escolha: “esta é uma homenagem aos descamisados”. Ele estava de terno branco, sem camisa.

Nas falações dos premiados, três discursos foram menos banais: o de Chiquinho Brandão (“Prêmios, prêmios, melhor não tê-los, mas se não os ganhamos, ficamos putos.



Valdir Messias

Vladimir, Célia Câmara, Geraldo: Prêmio JBr para Conterrâneos

Queria que minha mãe estivesse aqui para me ver, nesta hora”), Ivan Cardoso (“Tenho um recado de John Lennon para Collor: Give some peace to brazilian movies” e “Como dizia Hélio Oiticica, suor não é água), e Roberto Pires (“na cápsula do acidente de Goiânia havia 19 gramas de Césio, que geraram 13.500 toneladas de lixo atômico. Pensem nisso”).

Protesto — Antes da entrega dos prêmios, o documentarista Francisco César Filho lavrou protesto, dos mais aplaudidos: “O curta-metragem precisa de espaço na tela. Mandem telegramas, fonogramas ou pentagramas a Ipojuca Pontes, secretário de Cultura, da Presidência, pois ele disse que nada pode fazer. Até ironizou: “vocês votaram no outro candidato, agora aguentem as consequências”. O gaúcho Sérgio Silva leu carta onde produtores e realizadores defendiam, com ênfase, reserva de mercado para o curta, antes do longa estrangeiro.

O cinejornal *Aniversário de JK* (1959), de Salvio Silva, foi exibido antes do curta *Arabesco*, de Eliane Caffé, e do longa *Stelinha*, de Miguel Faria Jr. Na hora dos prêmios, a viúva de Sálvio, Maria Ethelvina Távora Silva, recebeu um *Candango*, homenagem da coordenação do Festival ao cinegrafista, morto semanas atrás.